

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**MÁRCIA NAIR BRETAS DE ALMEIDA**

**ARTES VISUAIS: A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO**

**Brasília/DF**

**2013**

**MÁRCIA NAIR BRETAS DE ALMEIDA**

**ARTES VISUAIS: A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, habilitação em Artes Visuais, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: **Profa. Ms. Carla Conceição Barreto**

**Brasília/DF**

**2013**

## **AGRADECIMENTOS**

Grata a deus pelo dom da vida, pelo seu amor infinito.

Dedico especial agradecimento à mestre Carla Conceição Barreto, orientadora dedicada que com sabedoria soube dirigir-me os passos e os pensamentos para o alcance de meus objetivos.

Ao professor e coordenador, Dr. Shahram Afrahi pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e amizade.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

Dedico este trabalho às minhas filhas, por toda paciência, dedicação, suporte,  
carinho compreensão durante esse processo.

Aos meus pais e irmãs, por todo apoio e incentivo durante a vida.

“O artista é um homem que não pode se conformar com a renúncia à satisfação das pulsões que a realidade exige. Toda arte é o desenho do desejo. O artista dá livre vazão a seus desejos eróticos e fantasias. A realidade interdita o tempo todo. Desde coação social até a gramática. A obra de arte se caracteriza pela transgressão, por não obedecer à gramática.”

SIGMUND FREUD

## RESUMO

Considerando o ensino das artes e todas as suas manifestações, não foi por acaso que a arte passou a ter um papel importante na formação do indivíduo. Diante de tantas informações e da necessidade de compreensão, dentro de padrões sociais tidos como comuns e aceitáveis, surge o papel fundamental da escola e do educador. A escola é considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento desses no meio social. A relação familiar também reflete na educação e comportamento das crianças. Assim, aliada à família, a escola, através de propostas e práticas educativas, deve produzir conhecimentos por meio de ações pedagógicas, e contribuir para o amadurecimento dos alunos. Esse trabalho analisa os métodos de ensino de artes na atualidade e do papel da escola e do educador no processo de formação do conhecimento do aluno. As “Artes Visuais” são os meios tecnológicos de produção da imagem, sustentados pelos sentidos humanos, especialmente, a visão. Colocar as crianças em contato com as imagens de arte significa dar espaço para operações que envolvam o agir e o pensar. O currículo escolar é tido como fundamental para o sucesso do método de ensino inclusivo. Os educadores devem disponibilizar aos alunos ferramentas para que possam construir sua identidade, conceitos, projetos de vida. Escolas e educadores devem ter mecanismos de trabalho que permitam que suas atividades se aproximem da realidade vivenciada pelos alunos. A aplicação de novas perspectivas na educação das artes visuais e da cultura visual pode possibilitar a implementação de projetos escolares nos quais os alunos encontrem na escola um lugar para aprender de forma eficiente e articulada com as próprias experiências de vida. Assim, tanto a Arte quanto as ciências que perfazem esse caminho de evolução da espécie humana devem ser, em conjunto, o aporte ao desenvolvimento humano integral.

**Palavras-chave:** Ensino Artes, Cultura Visual, Currículo Escolar, Artes Visuais.

## ABSTRACT

Whereas the teaching of the arts and all its manifestations, was not by chance that the art came to play an important role in shaping the individual. Having so much information and the need for understanding within social standards taken as common and acceptable, comes the crucial role of school and educator. The school is considered an institution responsible for promoting the education of children and influence the behaviour of those in the social environment. The family relationship is also reflected in the education and behaviour of children. Thus, together with the family, the school, through proposals and educational practices should produce knowledge through educational activities, and contribute to the maturation of students. This work will analyse the methods of teaching arts in the present, the role of schools and teacher training in the student's knowledge process. The " Visual Arts " are the technological means of image production, sustained by human senses, especially vision. Put children in touch with the art images means giving space for operations involving the act and think. The school curriculum is seen as critical to the success of the method of inclusive education. Educators must provide students with tools so they can build their identity, concepts, life projects. Schools and educators must have working arrangements that enable their activities approximate the reality experienced by the students. The application of new perspectives in the education of visual arts and visual culture can enable the implementation of school projects in which students are in the school a place to learn efficiently and articulated with their own life experiences. Thus, both the art as the sciences that make up this path of evolution of the human species should be together, the contribution to integral human development.

**Keywords:** Arts Education , Visual Culture , School Curriculum , Visual Arts .

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. ENSINO, EDUCAÇÃO E ARTES VISUAIS .....</b>	<b>12</b>
1.1. Como a Arte Visual pode Influenciar na Educação .....	14
<b>2. PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA .....</b>	<b>16</b>
<b>3. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>4. ENQUANTO PROFESSORES, ETERNOS APRENDIZES .....</b>	<b>22</b>
4.1. A Importância da Estruturação da Instituição Escolar .....	24
4.2. Artes Visuais e sua Prática Escolar.....	27
<b>5. LEITURA VISUAL.....</b>	<b>30</b>
<b>6. A PROBLEMÁTICA DA RELAÇÃO DAS ARTES VISUAIS COM A EDUCAÇÃO</b> <b>.....</b>	<b>32</b>
<b>7. O ENSINO DAS ARTES: DO INÍCIO, ATÉ A ATUALIDADE .....</b>	<b>35</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....</b>	<b>41</b>



## INTRODUÇÃO

Na última década tem sido crescente e evidente a ansiedade a respeito de assuntos culturais e, especificamente, com temas e tópicos que ressaltam as múltiplas dimensões da visualidade, sua importância na constituição de identidades e subjetividades, mas, sobretudo, sua influência como elemento que pode operar alterações plasmando modos de ver, sentir e pensar. A cultura é tida como um espaço em constante evolução. Diante disso, avaliar o processo de ensino e aprendizado de artes visuais nesse contexto cultural visual faz-se necessário a fim de maximizar as potencialidades na criação do indivíduo e de sua formação.

Do ponto de vista educacional a dimensão visual vai além de um repertório de eventos ou objetos visíveis porque pressupõe uma compressão do processo, do modo como operam e de seus contextos. Por isso a dinâmica visual é um processo gradual e em constante mudança. Processo no qual há o cruzamento de informações visuais, táteis, sonoras, cênicas, sensoriais que intervêm para construir novas buscas de ideias e práticas de aprendizagem não mais confinadas a programas de ensino muitas vezes estáticos e ultrapassados.

Nesse sentido, o presente trabalho trata das questões relacionadas ao ensino, à educação, às dificuldades de homogeneização do aprendizado em razão da diversidade cultural e social existente muitas vezes dentro de um mesmo grupo, bem como, da metodologia de ensino de artes no cenário contemporâneo. Trata ainda de conceitos importantes, como o de cultura visual que, no nosso entendimento, é fundamental para a compreensão do processo de ensino e aprendizagem eficiente e fundamentado nas vivências pessoais do aluno.

O ensino de artes é abordado não só como conteúdo obrigatório no currículo escolar, mas como disciplina dedicada a oferecer ao aluno as condições necessárias para compreensão do espaço em que vive e as diversas manifestações artísticas e de pensamento expressas na arte.

A delimitação do campo de estudo das artes visuais como sendo as inúmeras possibilidades de construção da imagem, é outro aspecto abordado por este trabalho, em que se prioriza o sentido humano da visão em detrimento aos demais.

Trata-se ainda, da importância da participação da família no processo de ensino, uma vez que essa instituição é responsável pelas primeiras experiências do aluno. A criança é influenciada pelas vivências em família, assim como pelos valores morais que lhe são repassados. É impossível dissociar a vida em família dos reflexos que ela apresenta em sociedade. Seu comportamento é diretamente influenciado por aquilo que presencia em casa e pelo que é ensinada como valores éticos e morais.

Outro importante aspecto abordado nesse estudo é a adequação do currículo escolar instituído pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Os PCNs são importante mecanismo de alicerce para a execução da tarefa de ensinar. Tem por objetivo o ensino formador de conhecimentos e construtor de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. No âmbito do ensino de artes, no entanto, este trabalho analisa o engessamento que a elaboração de um currículo encerra, ou seja, defende-se a concepção de um ensino integrado e organizado a partir de problemas desafiantes, que façam parte da realidade vivenciada pelo aluno e que permitam a ele compreender os fenômenos que o cercam bem como esclarecer as dúvidas que o assolam, além, claro, de permitir que surjam novos questionamentos e meios de buscar respostas.

O papel fundamental do educador também é objeto de análise, uma vez que esse se torna responsável pelo acompanhamento do educando bem como por orientá-los à melhor forma de apreensão do conhecimento. Sua constante necessidade de aperfeiçoamento e reciclagem das metodologias empregadas é outro aspecto importante na consecução da finalidade educacional.

O aluno deve ser preparado para, a partir das manifestações orais, escritas, sonoras e visuais ser capaz de organizar a sucessão de episódios e narrá-los de uma forma lógica. O momento em que ele está narrando algo sobre o que vê ele será capaz de descrever cenários, reinventar histórias, recriar, mas ao mesmo tempo solucionar problemas, dúvidas, sentimentos da sua vida cotidiana (MARTINS, 2011).

Além do educador e da família, o ambiente escolar é essencial para que o aluno se adapte à vivência em sociedade, já que costuma ser a escola o primeiro ambiente externo ao familiar no qual a criança inicia sua vida em comunidade. Uma escola preocupada com a profissionalização e aperfeiçoamento de seus

profissionais, cujo ambiente saudável provoque o aluno a agir de acordo com os princípios morais que o cercam, o que é, sem dúvida, um excelente instrumento de ensino e disseminação de cultura e conhecimento, mas, sobretudo de construção de indivíduos em sua totalidade, consciente de sua liberdade, integrados com questões que o cercam e preocupado com sua responsabilidade social.

A educação visual enquanto prática escolar, bem como a leitura visual e a problemática do ensino de artes nas escolas perpassa a questão da metodologia de ensino estabelecida pelos PCNs e abordada pelas escolas como um sistema rigoroso e engessado. Este trabalho analisa as tendências metodológicas do ensino de artes e busca compreender os benefícios que a tendência sociointeracionista promove ao aprendizado dos educandos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1. ENSINO, EDUCAÇÃO E ARTES VISUAIS**

Considerando o ensino das artes e todas as suas manifestações, presentes na arquitetura, escultura, pintura, escrita, música, dança, fotografia, teatro, cinema, cultura visual, não foi por acaso que a arte, em todas as suas facetas, passou a ter um papel importante na formação do indivíduo e reconhecimento crescente ao longo dos anos.

Nas últimas décadas e com o advento das mídias de comunicação, a televisão é capaz de divulgar imagens e notícias de todo planeta; está presente em nossos lares desde a década de sessenta do século passado, ampliando a rapidez e o volume de informações que recebemos. No entanto, grande parte das pessoas não está preparada de forma adequada para receber e filtrar tais informações. Nesse cenário, a situação dos alunos é uma preocupação para os educadores e pais. Vive-se em um universo repleto de liberdades de comunicação e movimentação, com muito acesso às novidades, assim, é urgente uma nova visão e preparação para que se possa avaliar, examinar e interpretar, de maneira crítica, a qualidade das informações recebidas.

Diante de tantas informações e da necessidade de compreensão, dentro de padrões sociais tidos como comuns e aceitáveis, surge o papel fundamental da escola e do educador. Não é possível afirmar a existência de um saber universal e solidificado. A educação é tida como um processo em formação, onde é preciso trabalhar com a ideia de que cada indivíduo é único em sua capacidade de cognição, o que resulta na construção de saberes próprios, livres, dentro de uma lógica subjetiva.

As relações tempo-espço não são as mesmas para qualquer indivíduo e um impacto disso é a necessidade de compreender como a construção social das noções e experiências dessas relações institui mundos e reinventa, constantemente, novas formas de comunicação e novos ambientes sociais (TOURINHO, 2013).

Segundo Foucault (1973), o sujeito é um conceito, e cada sujeito é transformado à sua maneira. Assim, havendo sujeitos diferentes, fundados em conceitos distintos, há também diferentes maneiras de apreensão do conhecimento e da educação.

Paulo Freire acredita que uma atividade alfabetizadora pode exercer uma função no que seria a perspectiva para uma educação dirigida, na construção de uma prática social crítica, uma vez que o processo educativo tem que se atentar com a diversidade de ideias e as influências que cada um traz consigo (FREIRE, 1996). Este é um campo que deve ser mais explorado pelos educadores, já que interage no dia a dia e nas relações interpessoais dos alunos, e possibilita-os dialogar com a realidade vivenciada por eles, a fim de orientá-los para superar as diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, construindo uma sociedade mais participativa.

O conhecimento e a capacidade de compreensão dos problemas de cada comunidade individualmente são promovidos pela introdução e desenvolvimento dos estudos das características culturais trazidas pelos alunos. Os seres humanos são como máquinas pensantes, cada um com suas especificidades. É preciso auxiliar os alunos a enfrentar os imprevistos, o inesperado, bem como a perceber e interiorizar as informações que recebem ao longo da vida. Nesse sentido, o estudo pode ajudar a diminuir essas diferenças culturais e sociais tão evidentes nos dias atuais, proporcionando assim a construção de uma sociedade mais interativa e menos segregativa.

Delores (2007, apud MORIN, 2007) estabelece, no Relatório da Comissão Internacional sobre a educação para o Século XXI, quatro pilares importantes para a educação, quais sejam: aprender a ser; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e aprender a conhecer; constituindo processos indispensáveis de aprendizado que devem estar incluídos de forma permanente na política educacional dos países. Os pilares, presentes na própria origem do ser humano, não podem romper com a realidade social, histórica e cultural dos mesmos. Segundo mesmo autor, a educação escolar precisa atentar-se para evitar tensões entre os grupos sociais e culturais para que as desigualdades não justifiquem a diferença de tratamento entre os indivíduos.

### 1.1. Como a Arte Visual pode Influenciar na Educação

Considerando-se a crescente preocupação com o processo de aprendizado, o ensino das Artes Visuais é de suma importância na formação do conhecimento. Pode-se afirmar que o termo “Artes Visuais” refere-se aos meios tecnológicos de produção da imagem, sustentados pelos sentidos humanos, nesse caso, especialmente, a visão.

A terminologia Artes Visuais busca abarcar todas as possibilidades de construção da imagem em que o visual é priorizado em detrimento dos outros sentidos, envolvendo no campo da imagem, a utilização de novas tecnologias para instalações, performance, vídeo-arte, web-arte, fotografia, cinema, televisão, vídeo, computador (DIAS, 2009a).

O conhecimento, oriundo de ideias, palavras, teorias é fruto de uma tradução, uma reconstrução por meio de uma linguagem (escrita ou visual) ou de um pensamento e, sendo assim, está sujeito a erros. Contudo, para que possamos reduzir os erros na decodificação das informações percebidas devemos ordená-las, reduzindo assim sua vulnerabilidade. Toda conquista do conhecimento pode ser traduzida em um código, seja ele: visual, textual, sensitivo, e é acessível a cada indivíduo por meio do raciocínio.

O raciocínio, por sua vez, está associado à emoção. Assim sendo, raciocínio e emoção influem diretamente na capacidade de aprendizagem do aluno. E com isso, a maneira de ensinar determina a contribuição a ser exercida pela pedagogia para a defesa da sociedade. Ela auxilia no desenvolvimento de uma compressão crítica da metodologia de ensino na medida em que são trabalhadas as relação entre os conteúdos.

Sabe-se que todas as delimitações sociais, políticas, econômicas e culturais tendem a aprisionar o conhecimento nas múltiplas causas de proibições, rigidez, bloqueios. Há aí o chamado *imprinting* cultural, marca matricial que inscreve o conformismo a fundo e estabelece normas que eliminam o que poderia ser contestado. Lorenz (2007, apud MORIN, 2007) propõe o termo *imprinting* para dar conta da marca imposta pelas primeiras experiências dos animais recém-nascidos, como o fato de o filhote do passarinho seguir o primeiro ser vivo que passa pela sua

frente ao sair do ovo, adotando-o como sua mãe. Seguindo o mesmo raciocínio, Lorenz (2007) conceitua o *imprinting* cultural como sendo uma marca que os seres humanos carregam desde o nascimento, no início com a cultura familiar, depois na escola e posteriormente na vida profissional.

Nas autocríticas, nos momentos de reflexão, nos momentos de compilação das ideias é preciso ter tranquilidade psicológica para encontrar a verdade na organização das informações; não a verdade única e imutável, mas a verdade subjetiva, de cada indivíduo em relação aos seus conceitos. Muitas vezes, no entanto, os alunos não encontram essa liberdade na prática educacional aplicada nas escolas em razão da seleção sociológica e cultural das ideias que podem prejudicar a compreensão das informações transmitidas.

Contudo, vive-se atualmente um momento em que problemas de estresse intervêm diretamente nas crianças. O brasileiro, especialmente, está sob influência de muitos conflitos pessoais e sociais, como o processo acelerado de urbanização, industrialização, acesso desigual aos cuidados à saúde, condições de moradias impróprias, desigualdade de renda familiar, escândalos de corrupção. Tudo isso contribui para o aumento dos índices de violência e criminalidade, refletindo diretamente na comunidade escolar.

No tocante às imagens da arte, colocar as crianças em contato com elas, significa dar espaço para operações que envolvam o agir e o pensar. O pensamento ocorre na ação, na sensação experimentada frente às imagens e na percepção das mesmas, sempre junto com os sentimentos. A criança convive, identifica e reproduz símbolos de seu entorno, porém, ainda não os cria intencionalmente. As sucessivas experiências expressivas vão construindo um repertório pessoal que será de grande significação mais tarde, no processo criativo intencional, nas leituras de arte e de mundo (FROTA, 2013).

## 2. PARCERIA FAMÍLIA-ESCOLA

Outro importante aspecto a se destacar no processo de educação e formação do conhecimento é a questão da estrutura familiar. A família funciona como um sistema vivo, de forma que tudo que acontece a um de seus membros reflete sobre os demais (SILVA, 2000). A evolução da sociedade apresenta-se como mudanças significativas na estrutura das famílias. Ainda hoje não é possível definir um conceito preciso de família, principalmente à luz das mudanças civis e culturais, mas é possível considerar como uma estrutura familiar tradicional aquela que abarca pai, mãe e filho(s).

A escola, considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento desses no meio social, hoje é possível encontrar nela uma infinidade de famílias que não estão configuradas de forma tradicional. As mudanças sociais das últimas décadas ocasionaram grandes alterações no ambiente familiar: divórcios, descasamentos, uniões homo afetivas, adoções, para citar apenas alguns exemplos de diversidades encontradas nas escolas em relação à estrutura familiar dos alunos.

É preciso que os pais, no tocante a educação de seus filhos, sejam capazes de identificar as dificuldades encontradas pelas crianças, não só no que se refere ao conhecimento, mas também as adaptações que a vida social exige. Romper com a visão conservadora que a educação possa ter em não repensar seus valores e posturas em relação às diferenças presentes no ambiente escolar.

A noção do bom ou mais adequado suporte familiar nem sempre depende exclusivamente da estrutura familiar, ou seja, do esqueleto social do qual a cultura dita como sendo ideal (pai, mãe e irmãos morando em um mesmo local com suas funções econômicas e familiares pré-definidas). A relação de convivência existente entre pais e filhos também reflete certa confiança e independência na criança (WOLKIND, RUTTER, 1990).

Assim, aliada à família, a escola, através de propostas e práticas educativas, deve inspirar maneiras de pensar e agir socialmente. Deve produzir conhecimentos por meio de ações pedagógicas, e contribuir para o amadurecimento de meninos e



meninas, colaborando para um discurso social sobre comportamentos tidos como aceitáveis além, é claro, da produção do conhecimento programático.

### 3. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)<sup>1</sup>, criados em 1996, estabeleceram diretrizes voltadas à estruturação e reestruturação do currículo escolar nacional, obrigatório para toda a rede pública e opcional para a rede privada de ensino. Os PCNs estabelecem a organização sequencial dos conteúdos ao longo da vida estudantil do aluno. Segundo esse documento, a escola, juntamente com uma equipe de educadores, deve buscar organizar os conteúdos de forma a proporcionar uma abordagem interdisciplinar das diferentes áreas do conhecimento.

Neste contexto, o estudo da alfabetização visual pode ser visto durante toda a vida escolar do indivíduo, sendo trabalhado pelo educador de forma a relacioná-lo com outros temas com os quais os alunos estão acostumados em razão da vivência diária - nas ruas, na TV, na internet, em revistas - e buscando uma abordagem contextualizada e interdisciplinar dos assuntos. O professor, ao selecionar os temas que poderão ser trabalhados no decorrer do processo, avaliam a capacidade de compreensão e a idade dos alunos a fim de que o planejamento seja mais eficiente. Uma notícia de jornal, um filme, uma situação de sua realidade cultural ou social, por exemplo, pode se converter em cenário de interesse didático.

Para a pedagogia da educação a relação entre educação e sociedade está ligada a tendências progressistas que influenciam o ensino, dando ênfase aos conteúdos sociais relevantes e debates de temas de importância social. É discutida tanto a abordagem quanto a organização de temas, questionando-se a necessidade de um ensino que inter discipline os diferentes conteúdos: artes, história, português, matemática, ciências, dentre outros.

O professor precisa ser instrumento de facilitação da compreensão do aluno, utilizando mecanismos que estejam dentro da compreensão destes, e que muitos materiais didáticos abordam de forma complicada e confusa. Os professores devem se portar de maneira distinta diante da diversidade de situações concretas que ocorrem dentro da escola e podem contribuir para que os jovens e adolescentes de hoje percebam e entendam as consequências de suas ações nos locais onde vivem.

---

<sup>1</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais são referenciais de qualidade elaborados pelo Governo Federal para nortear as equipes escolares na execução de seus trabalhos.

Devem contribuir para a construção de uma sociedade razoável com valores e princípios que ajudem a diminuir as violências e os conflitos interpessoais.

Dentre as várias formas de compreender as diferenças vivenciadas hoje pelos educadores uma das mais conhecidas está associada às vivências de desigualdades e injustiças sociais. Segundo a *Teoria Queer*, nomeada por Teresa de Lauretis, é necessário criar processos de construção de sujeitos que não sejam rotulados como anormais ou ilegítimos apenas por constituir-se em minorias sociais. Apoiada nas ideias de Michel Foucault, deve-se criar, segundo a teoria, um procedimento capaz de articular elementos tão diversos, traçando conexões entre saberes e práticas, formando-se, assim, uma regulação da vida social e, conseqüentemente, educacional (FOUCAULT, 1973 apud MISKOLCI, 2009).

Essas e outras questões estão cada vez mais presentes nas reflexões sobre o trabalho docente e certamente devem ser consideradas durante a elaboração de aulas e planejamentos de ensino.

Ensinar, nessa ótica, deixa de ser apenas o ato de transmitir informação e passa a ser também o de criar ambientes de aprendizagem de forma a permitir que o aluno interaja com diferentes realidades, auxiliando-o no entendimento dos problemas para que construa seus próprios conhecimentos de maneira que os dados e processamento deles sejam fixados por meio da aprendizagem.

Será que esse processo de conhecimento pode ocorrer espontaneamente ou necessita do auxílio de indivíduos mais experientes que possam facilitar o processamento e organização das informações, de maneira que ela se torne mais acessível? É claro que há momentos em que a espontaneidade se revela importante no processo de curiosidade, mas, na maioria das vezes, a interação entre pessoas com experiências mais profundas promove melhores reflexões e permite conclusões mais firmes e embasadas. Em um determinado momento a busca da informação é importante, assim como o diálogo com outras pessoas (VALENTE, 2002a).

No processo de aprendizagem devem ser considerados alguns aspectos, a saber: as informações auditivas são menos duradouras; aprende-se uma pequena parcela do que se ouve. Quando se tem acesso à leitura da informação, apreende-se uma parcela maior de conhecimento. A informação visual tem um pouco mais de possibilidades de apreensão que as duas formas anteriores. Porém o ideal mesmo seria ouvir, ler, ver, experimentar, utilizar, atuar, ou seja, desenvolver uma ação

sobre uma determinada informação de forma pessoal. Desse modo, o índice de aprendizagem poderia ser ainda maior. Para que o aprendizado seja realmente eficiente, os detentores do conhecimento devem trabalhar a memória do estudante.

Os conteúdos às vezes são abordados em teoria, desligados da vivência cultural dos estudantes que têm maior dificuldade de refazer a experiência de construção dos conceitos que expressam esses conteúdos (SEVERINO, 1993 apud SCHELBAUER *et al.*, 2006). Por isso, a importância da interação professor-alunos ser um processo contínuo e duradouro; conhecendo a realidade psicossocial e socioeconômica dos estudantes fica mais fácil conduzir a comunicação. O próprio contexto educativo facilita a inclusão das culturas locais nos planejamentos escolares. A integração da escola com as famílias pode auxiliar no fortalecimento da identidade dos agentes educativos ou, se não, ao menos enriquecer o processo de construção do conhecimento e do caráter dos alunos.

Os PCN's tem a função de orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, sociabilizando discussões, pesquisas e recomendações (PCN, MEC, 1997). Os conceitos, bem como a estrutura organizacional dos PCN's são fundamentados nos objetivos gerais do ensino (definidos pelas propostas nacionais) e estabelecem as capacidades relativas aos aspectos cognitivos, afetivo, físico, ético, estético, de atuação e inserção social, expressando a formação básica para concepção de cidadãos. O aluno, ao término do processo educacional, deve ter capacidade de integrar-se em todas as áreas constituintes do ensino.

Contudo, na construção do currículo escolar, cada instituição deveria estabelecer parâmetros diferentes, adequados à sua realidade local, pois, apesar de estarem integradas num contexto cultural mais amplo, relacionado com a cultura nacional, deve-se produzir também uma cultura interna que as diferencia dos outros estabelecimentos. No processo educativo as práticas, valores e crenças interferem na organização da instituição.

De acordo com Almeida Junior (1888), a educação está em constante processo de invenção e reinvenção. Apesar de ser função indispensável na vida das pessoas, a aprendizagem é uma forma de expressar sentimentos, desenvolver potencialidades criativas, conhecer raízes. A relação existente entre professor e aluno deve ser baseada em uma mediação de conhecimentos, apresentando e possibilitando agregar novos saberes aos já existentes.

A aquisição do conhecimento é um processo contínuo e envolve todo o ciclo de vida das pessoas; cada ser humano adquire personalidade e cultura próprias. Até mesmo irmãos que recebem basicamente a mesma educação podem manifestar respostas diferentes de comportamento, a depender do potencial de assimilação de aprendizagem e poder de comunicação de cada um. Os educadores devem mediar o conhecimento como meio facilitador do ensino-aprendizagem do educando, lembrando sempre de considerar a diferença na forma de assimilação de cada aluno, tornando o aprendizado mais prazeroso.

#### 4. ENQUANTO PROFESSORES, ETERNOS APRENDIZES

O educador tem por ideal formar um sábio – detentor de um entendimento abrangente e integrado – e não um especialista que detém conhecimentos fracionados e parciais que, na quase totalidade das vezes, não se liga às ações do cotidiano (FROTA, 2013).

Sabe-se que as mudanças na educação dependem primeiramente de educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas e que saibam motivar e dialogar (MORAN, 2007). Enquanto muitas vezes os professores marcam positivamente a vida dos alunos agregando saberes intelectuais ou pessoais outros deixam marcas negativas na vida dos discentes. Bons mestres despertam confiança e admiração no estudante facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Ainda, aprender, assimilar conhecimentos, compreender e reter na memória é uma tarefa contínua. Os seres humanos estão em constante processo de aprendizado, de mudanças e evolução. A troca de experiências na convivência social, a exposição de ideias seja para afirmar determinadas visões de mundo, seja para contrapor-se a visões pré-estabelecidas ou impostas. Todo esse processo de interação existente entre o indivíduo e o mundo que o cerca é capaz de fazê-lo perceber coisas antes não percebidas, aprender coisas antes não aprendidas.

Enquanto educadores, é necessário buscar meios de adequação às diferenças individuais dos alunos, integração às localidades e contexto cultural no planejamento escolar local, criando um vínculo com o cotidiano do aluno e, minimizando assim, as diferenças existentes. Deve-se disponibilizar a eles ferramentas para que possam construir sua identidade, seus conceitos, projetos de vida.

Compartilhar saberes atualmente exige uma flexibilidade maior em razão dos acessos às novas tecnologias que disponibilizam grande quantidade de informações em um espaço de tempo bastante curto e, muitas vezes, insuficiente para assimilação. Por esse motivo aprender depende muito do momento do aluno já que, enquanto aquela informação não fizer parte da vida pessoal, ela não será incorporada ao seu saber.

Diante dessa dificuldade, não é difícil perceber a necessidade que o professor/educador tem de promover sua evolução constante, seja pelos métodos de ensino, seja pela atualização dos próprios conteúdos. Não há técnicas estabelecidas para se aprender ou ensinar. Uma vez que o aprender depende de atenção, sensibilidade, anseio do indivíduo em incluir aquela informação à sua memória, o ensinar também requer métodos capazes de prender a atenção do aluno, atizar a curiosidade e sensibilizar o aluno aprendiz. Além disso, o educador deve ter em mente que a troca ensinar-aprender é constante. Ao mesmo tempo que ele auxilia o aluno na compreensão do mundo à sua volta, também aprende com o aluno a perceber e enfrentar as problemáticas do seu cotidiano.

A ideia de cultura, ou melhor, de culturas, no plural, passa, então, a ser central e deflagradora das ações de ensinar e, certamente, de aprender, pois nesse binômio inseparável, aprender-ensinar, é a aprendizagem que encabeça a ação, é ela que institui, reconstrói e transforma o ensino (TOURINHO, 2013).

O educador precisa atentar ainda para o fato de que, desde os tempos em que se fixou a palavra escrita, o novo código não veio substituir a imagem. A convivência entre expressão visual e expressão escrita sempre foi muito próxima. Ao longo da história das civilizações, são incontáveis os exemplos em que se percebe como os registros escritos acompanham os registros visuais. Isso equivale a dizer que a história da imagem se confunde com um capítulo da história da escrita e que seu distanciamento pode significar um prejuízo para o entendimento de ambas. Reconhecer isso implica admitir que imagem e escrita sempre estivessem presentes na vida das pessoas. Além disso, a imagem possui um registro abrangente, baseado em um dos sentidos que caracterizam a condição humana (MARTINS, 2011).

O professor deve ser um facilitador, ajudando os alunos para que consigam prosseguir no processo de aprendizagem. Para isso, as aulas devem ser preparadas levando-se em conta as diferenças pessoais dos alunos – uma vez que cada um irá assimilar a informação a sua maneira – e o contexto cultural no qual a turma está inserida. Existem alunos que não estão preparados para aprender, em determinado momento, o que lhes é ofertado, seja devido à imaturidade própria da idade, seja devido às diferenças de idade dentro de uma mesma série, ou ainda a questões pessoais que acabam por afetar psicologicamente o aluno e seu processo de aprendizado.

Para lidar com essas diferenças é preciso que em determinados momentos o professor interprete os sinais de dificuldade que o aluno apresenta. Manter um nível organizacional maior na preparação das aulas, organizar as ideias de maneira a transmitir o conteúdo de forma clara e objetiva, inspirar a atenção e sintonia da turma é um dos anseios do professor que deseja alcançar êxito, pois, os alunos possuem acesso quase que instantâneo às informações lançadas pelas mídias de comunicação e precisam ser surpreendidos por metodologias que os atraia ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades de conhecimento.

Dessa forma, oferecer o melhor conhecimento, a melhor dedicação são, sem dúvida, as principais maneiras que o educador tem de ajudar o aluno a formar-se cidadão detentor de conhecimento programático e cívico. O agrupamento dos saberes interfere na vida dos estudantes ajudando-os a controlar e, ao mesmo tempo, limitar suas ações.

Ainda, colocar-se diante de temáticas que desenham o viver contemporâneo ajuda os educadores a criar propostas para lidar com questões fundamentais, enfrentando-as e problematizando-as. A produção, circulação e socialização de saberes e práticas culturais depende dessa possibilidade de tematização e problematização, tarefas que são responsabilidades do ensino, da formação, das formas interativas de experimentarmos a nós mesmos, aos outros e ao mundo (TOURINHO, 2013).

#### **4.1. A Importância da Estruturação da Instituição Escolar**

Uma pesquisa feita pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, denominada *Motivos da Evasão Escolar* (NERI, 2012) observou que 40% dos jovens não estão interessados na escola que se tem. Portanto, criar métodos didáticos que auxiliem nessa questão é imprescindível para se alcançar o sucesso no processo de ensino-aprendizado das escolas. Além, claro, de atentar-se para o querer, o saber e o sentir dos alunos, sujeitos e focos de toda ação docente e escolar.



As mudanças no processo educacional também estão relacionadas à questão estrutural das instituições. Escolas bem administradas, que aplicam recursos financeiros de modo a proporcionar melhoria nos recursos didáticos, aperfeiçoamento profissional aos educadores e demais funcionários atuantes no processo de ensino, tem maiores chances de proporcionar um ambiente em que haja troca de experiências e entendimento.

Nesse contexto, a escola vem auxiliar na disseminação da cultura, na construção dos valores pessoais e sociais do indivíduo, que são alicerçados na comunicação pessoal, na interação social, na troca de experiências, de histórias que são compartilhadas pelos integrantes da organização como um todo. Deste modo, a escola é uma instituição que precisa estar em constante processo de construção para melhor realizar sua função institucional. A cultura, de fato, não é algo que se impõe em uma organização, ela deve ser construída com o tempo de forma a integrar-se com a sociedade. (Carvalho, 2010).

É preciso pensar na educação como uma prática de liberdade, na qual o educador cuida não só do aluno e de seu processo de conhecimento, mas também de si e do seu próprio processo de reciclagem. E a escola, nesse contexto, tem papel fundamental, uma vez que a motivação profissional dos envolvidos no processo educacional, o ambiente de trabalho saudável em que haja integração entre os profissionais, a troca de experiências e o incentivo à capacitação são métodos de aumentar a eficiência e a eficácia do ensino.

Já que é preciso educar para a autonomia, para que cada sujeito trace sua história, sem interferir negativamente na história do outro, despertar a capacidade de aprender, superar desafios, ser mais crítico é mecanismo de construção de ideias que contribuam para a produção de mudança educacional.

Ainda, as recentes demonstrações de alteração no *status quo* da sociedade, que foram manifestadas nos movimentos das ruas em que milhares de pessoas em todo país reivindicaram melhores condições de transporte público, maiores investimentos em educação, maior controle da corrupção já estão afetando a abordagem que se dá à educação. Esse processo das ruas é importante para promover melhorias para a coletividade, para pensar na educação desde a sala de aula até as políticas educacionais, para analisar e estruturar o papel das novas tecnologias no processo de aprendizagem e sua influencia na vida das pessoas.

Cada período da história proporciona um tipo de criação, de formação do conhecimento e evolução das metodologias disponíveis. Assim a educação vai se moldando ao longo dos anos permitindo que novos elementos possam ser acrescentados de modo a melhorar o desempenho dos alunos e professores. Ainda, na relação com a sociedade a educação não é o único processo, mas talvez seja o mais importante.

Porém, os educadores estão habituados com uma concepção de educação baseada apenas em conteúdos, sempre voltada ao pré-estabelecido, preocupados com a formação do aluno para a conclusão do ensino fundamental, médio, curso superior, inserção no mercado de trabalho. Dificilmente pensa-se em educação como a formação efetiva do sujeito, em sua capacidade programática e pessoal-social-cívica.

Contudo, necessita-se pensar em uma escola não apenas como espaço do conhecimento, mas também como lugar que se preocupa em disponibilizar ferramentas para a construção do indivíduo em sua totalidade, da sua personalidade, de suas relações com a liberdade, do trabalhar em si, construindo seus saberes como um todo. Utilizando-se, claro, dos conhecimentos tomados pela humanidade, mas construindo também os seus próprios saberes. Disponibilizar meios para que o indivíduo aprenda a colocar limites em si mesmos, de forma que o poder disciplinar influencie, de forma singular, no comportamento de cada um.

Sabe-se que o conhecimento é a maneira de pensar, de organizar as ideias, de filosofar, é dar vida ao pensamento. Dar vida ao pensamento é pensar o que ainda não se pensou. O conhecimento é um emaranhado de conexões, de encontros imprevisíveis, onde não há hierarquia. Porém, existem pessoas que não estão prontas para criar ou organizar os pensamentos de forma a produzir seu próprio saber. Assim, deve-se pensar em um currículo de ensino em que não haja caminho construído, mas sim onde professores e alunos tracem e estabeleçam o percurso a ser seguido.

Para Foucault (1973), não se tem muita coisa a ensinar; mas sim tem-se muita coisa a ser aprendida; pois todos são sujeitos da própria educação. Encarar-se como ser inacabado, que aprende todos os dias, assim como ensina, é o primeiro passo para o verdadeiro aprendizado. Aquele aprendizado como pessoa.

Sob a perspectiva da cultura aprende-se que saberes e fazeres são circulantes e circulam, sem se fixar em lugar algum. As ideias de que não se aprende apenas na escola, de que as práticas culturais e sociais ensinam e formam e de que não há critérios possíveis para hierarquizar culturas, saberes ou práticas, colocam em pauta outra dimensão que fundamenta e pode orientar o fazer docente em artes na atualidade (TOURINHO, 2013).

#### **4.2. Artes Visuais e sua Prática Escolar**

Ao longo dos anos, está sendo promovida no Brasil uma democratização das estruturas educacionais, implementando mecanismos de discussões programáticas nas redes escolares. A elaboração dos PCN's e de constantes atualizações de currículos é um exemplo disso.

É inegável, entretanto, que ainda haja um longo caminho a ser percorrido. A necessidade de se aperfeiçoar a inclusão eficiente do ensino de artes no currículo escolar, promovendo o acesso ao fazer artístico, à compreensão da produção estética e ao conhecimento do patrimônio cultural (GRASSI, 2005) é um dos desafios a ser vencido.

Contudo, uma das dificuldades vivenciadas pelos professores de artes está, principalmente, em promover a interdisciplinaridade das artes com as demais disciplinas, o uso de novas tecnologias e a formação e capacitação dos professores. Por isso, é preciso vislumbrar o ensino da arte não apenas como conteúdo curricular a ser ministrado, mas como elemento imprescindível também à formação plena do indivíduo enquanto cidadão.

A escola não pode permitir apenas o desenvolvimento da visão intelectual, pois correrá o risco de oferecer apenas desafios que trabalhem o sujeito cognitivo. É preciso criar situações em que o olhar e o ouvir, junto com o olfato, o tato e o paladar, possam ser anteparos sensíveis no contato com o mundo. Trata-se, portanto, de provocar a sensibilidade através da cor, promover a exploração da percussão de sons, proporcionar a exploração do corpo no espaço e manipulá-lo prazerosamente, vivenciando-o de forma expressiva. Partindo-se da premissa que a

arte é uma experiência sensível em que o corpo perceptivo participa, possibilitar situações de aprendizagem em arte implica pulsar nesse corpo a fascinação pelo mundo e estimular a magia da descoberta. Imaginar é também uma forma de saber (FROTA, 2013).

A alfabetização visual na escola refere-se ao grupo de competências visuais que um ser humano pode desenvolver através da visão e, ao mesmo tempo, integrá-la com outras experiências sensoriais. O desenvolvimento dessas competências é fundamental para o aprendizado de artes e, quando desenvolvidas, permitem à pessoa que esteja visualmente alfabetizada a apreensão e interpretação de ações, objetos e símbolos visuais, naturais ou humanos, que se encontram ao seu redor. Através da utilização criativa dessas competências, a pessoa pode compreender e desfrutar das obras mestras da comunicação visual (DEBES, 1969, apud HERNÁNDEZ, 2009).

A alfabetização visual como aptidões que podem ser desenvolvidas através da visão associada a outros sentidos é a base fundamental para a aprendizagem normal (HERNÁNDEZ, 2009). Sendo assim, compreender é adquirir uma habilidade para expressar o significado dentro de um contexto, que no caso pode ser cultural, filosófico, social. E ainda, é facilitar a disseminação da linguagem por meio intuitivo da imagem. Considerando que toda forma de pensamento é perceptivo por natureza, a capacidade intelectual do ser humano de decifrar os códigos visuais pode ser considerada a base para a leitura visual.

Para tanto, a televisão foi talvez a mola mestra propulsora que começou a ensinar a linguagem visual para as crianças. Desde sua invenção até os dias atuais, percebe-se a importância de voltar atenções para esse meio de comunicação, direcionando-se para uma alfabetização visual, pois as influências deste instrumento de comunicação pode ter sobre uma criança um poder devastador. Para elas, decifrar a linguagem cujos elementos são linhas, figuras, formas, cor, movimentos, não é tão simples e requer tempo. Embora toda informação deva passar por uma interpretação específica em cada indivíduo, ela pode, nessas circunstâncias, ter significação diferente para cada indivíduo.

Para Edward S. Curtis (1934), alfabetização visual é a habilidade de compreender as comunicações de um enunciado visual e qualquer meio de expressar o seu entendimento. Desde os primórdios da história da humanidade o

homem utilizou o desenho para registrar nas paredes das cavernas sua existência e até hoje o homem tenta decifrar esses códigos. A demonstração deixada pelas culturas primitivas difere muito das tecnologias que se desenvolvem hoje.

A visão crítica dos alunos nas leituras das imagens poderá transformar o espaço do aluno e seus arredores, a cultura visual promove o questionamento de assuntos dormentes e visualiza possibilidades para a educação que está fora do foco da escola. O professor deve estar atento para introduzir um diálogo que conduza a consciência crítica que se vincula a crítica social e conduza a compreensão e a ação. Com isso, trabalhar a leitura de imagens com os alunos facilita o diálogo e introdução de assuntos controversos, além de servir como catalizadores que ilustram a interação entre culturas nas salas de aula (DIAS, 2009b).

## 5. LEITURA VISUAL

A leitura visual é tema relevante para a formação dos alunos na disciplina de artes. E, quando se fala de leitura visual muitas pessoas não compreendem a expressão por acreditar se referir à escrita.

O educador precisa atentar para o fato de que, desde os tempos em que se fixou a palavra escrita, o novo código não veio substituir a imagem. A convivência entre expressão visual e expressão escrita sempre foi muito próxima. Ao longo da história das civilizações, são incontáveis os exemplos em que se percebe como os registros escritos acompanham os registros visuais. Isso equivale a dizer que a história da imagem se confunde com um capítulo da história da escrita e que seu distanciamento pode significar um prejuízo para o entendimento de ambas. Reconhecer isso implica admitir que imagem e escrita sempre estivessem presentes na vida das pessoas. Além disso, a imagem possui um registro abrangente, baseado em um dos sentidos que caracterizam a condição humana (MARTINS, 2011).

Tratando-se das crianças, assim que elas nascem, encontram um mundo cheio de sons, cores, imagens e formas. Ao crescer e iniciarem-se na escola, elas começam a ler o que veem, ou seja, ainda não alfabetizadas verbalmente, começam a realizar a leitura de imagens, associando-as a algo bom ou ruim, a outras definições como o medo, o prazer, ainda que não sejam capazes de definir tais sentimentos. Para Paulo Freire (1996), a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Não demora muito e a atenção escolar se volta para a linguagem escrita. Porém, é preciso atentar-se à realidade vivida nos tempos modernos; o indivíduo olha tudo, vê tudo, mas pouco enxerga (interpreta). Embora o mundo atravessasse um período de mudanças constantes, não é possível mensurar a dimensão exata dessas transformações no dia a dia das pessoas. Dever-se-ia preparar melhor as pessoas para que pudessem perceber, reconhecer, ler, olhar, enfim, ver; Promover a alfabetização visual.

A arte apresenta-se no corporal, musical, visual e através das suas várias manifestações, tem-se acesso às mensagens que são capazes de transmitir. Por isso a necessidade de alfabetização visual.

Para alcançar o alfabetismo através da leitura da escrita, existem várias etapas: inicialmente letra por letra do alfabeto é ensinada. Depois, a combinação das letras e dos sons e seus significados até ser possível a construção das palavras e suas definições, alcançando-se a sintaxe comum. De forma mais simples pode-se dizer que esse é o processo de ler e escrever, sem pensar na necessidade de uma expressão de linguagem mais elaborada.

No entanto, ao ler uma imagem é preciso certa cautela. Deve-se iniciar conhecendo os elementos básicos das Artes Visuais, como: o ponto, a linha, a forma, o volume, a luz e a cor que equivalem as vogais e consoantes na linguagem escrita (BUENO, 2008).

## 6. A PROBLEMÁTICA DA RELAÇÃO DAS ARTES VISUAIS COM A EDUCAÇÃO

Educar, que etimologicamente, significa pôr-se a conduzir, deve levar quem é educado a se conduzir desenvolver num caminho que o torne pleno enquanto o que é: humano – tanto cognitivamente quanto afetivamente. Afinal, o homem nasce necessitado de cuidados, já que, biologicamente, demora a desenvolver suas potencialidades, só vindo mesmo a efetivá-las se for conduzido por alguém: inicialmente pelos pais, depois pelos mecanismos vigentes da sociedade em que está inserido, como as instituições escolares, religiosas, etc (SANT'ANA, CEBULSKI & LOOS, 2013).

A escola, tal como é hoje concebida, tem suas origens ainda no início do século XX, e, com o passar do tempo, sofreu mudanças organizacionais importantes. Uma dessas mudanças organizacionais propostas foi a implementação de currículos na educação, sugeridas com finalidade expressionista, ou seja, baseadas nos sentimentos humanos e na problemática social moderna, que até então tinha pouco ou nenhum espaço nas práticas escolares.

Escolas e educadores necessitam ter mecanismos de trabalho capazes de permitir que suas atividades se aproximem ao máximo da realidade vivenciada naquele ambiente em que atuam. E aí surge um importante conceito sobre o qual se debruçar: cultura visual. A compreensão desse conceito permitirá identificar a necessidade de elaboração de um currículo voltado para a problemática social do ambiente em que o aluno está inserido, em detrimento de um currículo engessado que não possibilita ao educador a prática do ensino voltado para sua realidade cotidiana.

A Arte está presente na vida e no desenvolvimento humano há tanto tempo quanto a ideia de instrumentalização, da qual decorre a necessidade de se buscar conhecer o que são as coisas e como fundamentalmente funcionam, ou seja, da premência de se filosofar e, por conseguinte, de se fazer ciência. Assim, tanto a Arte quanto as ciências que perfazem esse caminho de evolução da espécie humana devem ser, em conjunto, o aporte ao desenvolvimento humano integral (SANT'ANA, CEBULSKI & LOOS, 2013).



O conceito de Cultura Visual relaciona-se com três áreas de trabalho, quais sejam: (a) ideias e temáticas relacionadas com suas funções, implicações e efeitos nas vidas das pessoas; (b) os objetos, eventos, lugares e experiências que caem nesta categoria de classificação; (c) um currículo relacionado com as formas pelas quais este conteúdo pode ser ensinado, interpretado e aprendido (TAVIN, 2000 apud HERNANDES, 2003. p. 205) e pode ser definida como aqueles hábitos e costumes visuais relativos a um grupo de pessoas ou a um determinado povo. É, sobretudo, um modo de relacionar os aspectos culturais de determinado grupo às suas expressões visuais e suas formas de entendimento e identificação da realidade visual.

A perspectiva da cultura visual permite agrupar a problemática que esteve fora da esfera da arte na educação. Cada escola pode estar em diferentes contextos culturais e sociais, assim sendo, cada uma delas deveria elaborar um plano de estudo que abarcasse os conteúdos básicos para a formação do indivíduo voltado para questões mais problemáticas que necessitem de uma maior orientação disciplinar, isto é, que oriente os alunos, em cada disciplina de forma a auxiliá-los na construção do “seu eu” e ao mesmo tempo introduzindo novos questionamentos para ampliação do conhecimento.

A aplicação de novas perspectivas na educação das artes visuais e da cultura visual pode possibilitar mudanças através da elaboração e implementação de diversos projetos escolares nos quais os alunos encontrem na escola um lugar para aprender de forma eficiente e articulada com as próprias experiências de vida aumentando, assim, sua capacidade de compreensão do mundo e auxiliando na sua construção.

É preciso entender que a elaboração de um currículo não pode acontecer fora do ambiente escolar, proposto por especialistas que julgam entender qual o conhecimento mais caro e a forma mais apropriada de leva-lo aos alunos. Nesse sentido, a escola seria concebida como transmissora de informações, única e exclusivamente, e não um ambiente de produção de conhecimento. Pensada dessa maneira, a escola seria um sistema fechado, com currículo, metodologia e avaliação estruturados para que a aprendizagem acontecesse, mas desconsiderando as particularidades pessoais e sociais às quais os alunos estavam submetidos (TOURINHO, 2010).

A arte-educação pode servir de ponte na construção de um diálogo e, a partir de experiências vivenciadas em sala de aula, conhecer a realidade cultural da comunidade escolar, propondo aos alunos e à sociedade sugestões sobre aquilo que se deseja aprender.

Diante dessa necessidade de reformular horizontes e repertórios visuais, de criar novos mapas para aprender e compreender o momento complexo pelo qual atravessa a comunidade educadora tem-se a necessidade de articular a relação do indivíduo com o universo, com as práticas artísticas, visuais, culturais, educacionais e, a crescente produção de artefatos e imagens da cultura visual não apenas influencia, mas também modifica a forma de pensar desses indivíduos (HERNANDEZ, 2011).

Nessa hipótese, o professor pode ir além de ser o transmissor de práticas baseadas em um sagrado “deve ser” aos estudantes, na medida em que a escola tem essa mesma missão social.

Não há como ignorar as novas práticas, os novos sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A vocação normalizadora da Educação vê-se ameaçada. O desafio está em invalidar posicionamentos predominantes para com as manifestações e práticas artísticas. Essa virada não apenas trataria de ampliar os objetos que podiam fazer parte do acervo da educação artística, incluindo agora a cultura popular (HERNÁNDEZ, 2011).

Desta maneira, uma proposta educativa voltada para a cultura visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas, explorar experiências e efeitos de como as imagens influenciam a vida das pessoas, tornando o processo de aprendizado das artes visuais mais inclusivo por expandir o território do conhecimento.

Desse modo, a Arte se torna aporte fundamental para se buscar essas significações e movimentos que dizem respeito ao desenvolvimento humano perante o impacto que a interação com a realidade provoca. Somente um manual pronto sobre como agir e reagir no mundo não funciona, já que, como bem o dizem os físicos, o universo está em constante expansão e criação; logo há, a cada instante, novos dramas a serem perscrutados pelos sentimentos humanos. Igualmente, a cada momento, é preciso adaptar-se e compreender o curso de como devemos nos desenvolver (SANT’ANA, CEBULSKI & LOOS, 2013).

## 7. O ENSINO DAS ARTES: DO INÍCIO, ATÉ A ATUALIDADE

Por muitos anos o ensino de Artes sintetizou-se em atividades pouco criativas, repetitivas e, muitas vezes, desprovido de conteúdo artístico de fato. Pouco valorizadas no currículo escolar, as atividades desenvolvidas na disciplina de artes não permitiam à criança a liberdade criadora, mas, orientadas pelo educador, promoviam a simples cópia de desenhos, de formas geométricas ou a ligação de pontos para formação de imagens. Essa era a chamada metodologia tradicional de ensino de artes.

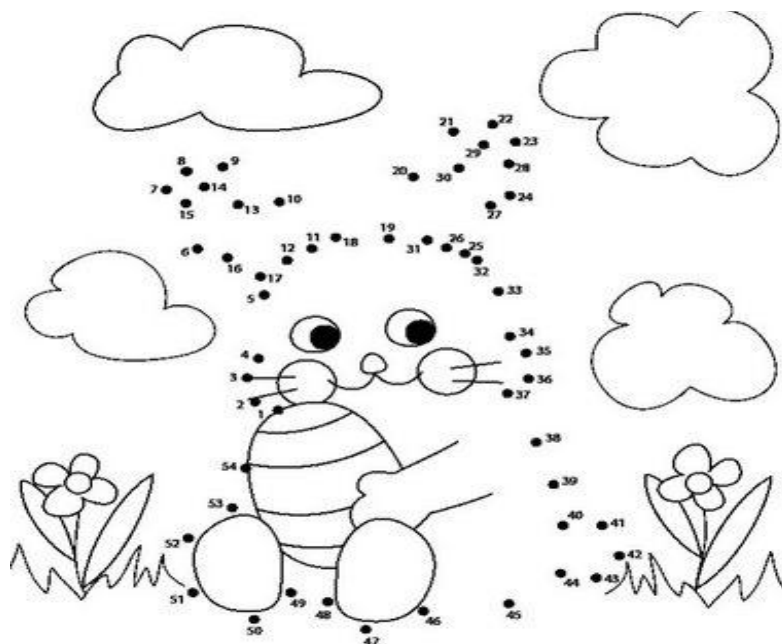


Figura 1 – Imagem de um dos muitos trabalhos utilizados com crianças no ensino de artes nas escolas.

Essa proposta tradicional podia ser facilmente percebida desde o século XIX até a década de 50 do século passado não só durante as aulas, mas também em situações em que as crianças eram ensinadas a decorar músicas ou peças teatrais para se apresentar em datas festivas, assim como em atividades de origami, bordado e tecelagem.

O foco da metodologia tradicional era o aprendizado de técnicas e desenvolvimento de habilidades manuais, coordenação motora e precisão de movimentos para consecução de um produto final padrão. A repetição, portanto, assim como as cópias de modelos e a memorização por parte do aluno eram

técnicas de ensino utilizadas para pelos educadores a fim de que o aluno aprendesse a disciplina. O método de avaliação consistia na valorização da reprodução mais rigorosa de obras consagradas.

Felizmente, nos últimos anos, ideias inovadoras começaram a influenciar o ensino de artes no Brasil. A proposta de rompimento com o tradicional e de instituição de atividades espontâneas, que promovessem a capacidade criadora do aluno ganhou cada vez mais espaço nas escolas e salas de aula. O aluno passou a ser incentivado em sua produção artística pessoal, interdisciplinar, reflexiva e de apreciação de outras obras. Denominada Livre Expressão, essa proposta teve início por volta de 1960 e foi influenciada pelo Movimento da Escola Nova<sup>2</sup>.

O movimento de livre expressão objetiva o processo de desenvolvimento criador do indivíduo e sua experiência durante o processo de criação. Valoriza o processo livre e com experimentação de materiais; não defende uma técnica como certa ou errada; A ideia é que o estudante exponha de forma livre suas inspirações internas.

Ainda, uma nova tendência de ensino da disciplina de artes é a Sociointeracionista, segundo a qual, a formação do aluno deve ocorrer por meio do ensino e interconexão de dança, artes visuais, música e teatro. Surgida na década de 80 do século passado, essa proposta sociointeracionista considera a relação da cultura com os conhecimentos do aluno e as produções artísticas. Busca promover o ensino de artes abarcando as experiências do aluno fora da escola e interligando a produção (processo de criação), a apreciação (de outras obras artísticas) e a reflexão (contextualização e pesquisa) (SANTOMAURO, 2008).

Atualmente, segundo os PCNs (1997), o ensino de artes nas escolas deve contemplar atividades de quatro linguagens, quais sejam: dança, artes visuais, teatro e música, tal como orientado pela tendência Sociointeracionista. O ensino deve ser realizado de forma a conscientizar o aluno de que essas formas de manifestação cultural são interligadas e complementares entre si e que é importante desenvolver o processo criacionista dos estudantes em contato com outras obras e após um processo de reflexão e pesquisa.

Ao professor, cabe instruir o aluno no domínio das diferentes linguagens artísticas, fornecendo subsídios para construção do seu conhecimento, mediando as

---

<sup>2</sup> Movimento de renovação do ensino surgido no final do século XIX, implementado no Brasil por Rui Barbosa.

experiências individuais e coletivas existentes de maneira a possibilitar ao aluno a capacidade reflexiva necessária para o desenvolvimento da sua arte. O papel do professor é importante medida de incentivo à produção do conhecimento pelo aluno, pois ele atua como facilitador do processo de aprendizagem.

O aluno, por sua vez, é incentivado a produzir conhecimento (SANTOS, 2006), provocado pelo educador que propõe a reflexão, a pesquisa e a observação do que está posto. A metodologia de ensino não pode basear-se nos interesses do professor, mas deve avaliar as aptidões, necessidades, experiências dos alunos (LIMA, 2003) de modo que o foco sejam assuntos da realidade deste, próximas à sua curiosidade e capazes de atrair o interesse e maior compreensão dos temas. O aluno é co-responsável pela aquisição do conhecimento.

A metodologia de ensino de artes adequada deve ser aquela em que se possibilite ao aluno a apreensão dos sinais, a construção dos sentidos e a assimilação de conceitos e processos. Permiti-lhes que exponham o que pensam e o que sentem no âmbito musical – imaginando e relacionando os sons, os elementos que o constituem e sua forma de produção – no âmbito teatral – promovendo a imaginação, o conhecimento dos gêneros e recursos cênicos – na esfera visual – possibilitando o conhecimento das formas, matérias, texturas, estruturas e elementos constitutivos, bem como dos modos de exteriorização da imagem (desenho, pintura, gravura, colagem) – e, por último, mas não menos importante, no âmbito da dança, o conhecimento da linguagem corporal, estrutura e funcionamento, improvisação, expressões e comunicação dos movimentos corporais.

Nesse sentido, já que o objetivo do ensino de artes é a produção consciente além, claro, do domínio das técnicas e conceitos relacionados, o processo de avaliação deve também basear-se na apropriação do ensino e das linguagens pelos alunos, de forma a valorizar a sua expressão criativa pessoal.

Contudo, temas que podem gerar e produzir experiências artísticas que aguçam a sensibilidade individual e estimulam os alunos para propor formas de estar no mundo, de negociar alternativas de envolvimento pessoal em nas comunidades de pertencimento e de criar práticas que questionem e perturbem versões injustas e hegemônicas da realidade através da educação, do ensino e da arte, são estratégias interessantes a serem trabalhadas pelos educadores.

## CONCLUSÃO

No âmbito da pedagogia geral, as discussões sobre as relações entre educação e sociedade se associam às tendências progressistas, que no Brasil se organizam em correntes importantes que influenciam o ensino, enfatizando conteúdos socialmente relevantes e processos de discussão coletiva de temas e problemas de significado e importância reais. Questiona-se tanto a abordagem quanto a organização dos conteúdos, identificando-se a necessidade de um ensino que se integre com os diferentes conteúdos: artes, história, português, matemática dentre outros.

Uma pesquisa do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP/MEC), divulgada a partir de janeiro de 2007, em vários jornais, realizada com 1,5 milhões de jovens entre 15 e 17 anos que deixaram a escola, constatou que 40,4% estão desmotivados, não tem vontade de estudar. Alegam que a própria escola é uma das principais responsáveis pela evasão escolar. A pesquisa ajuda a comprovar o que já se suspeitava: as escolas são pouco motivantes. Os conteúdos, se ainda é possível chama-los assim, são desinteressantes e desarticulados do cotidiano, sem muita significação para a vida do alunado.

E possível afirmar que a cultura visual é uma alternativa para ajudar a promover questionamentos sobre o passado renitente, que atravessa o presente, mediante as interpretações desencadeadas pelas imagens circundantes, com a finalidade de construir um outro hoje, incitando-o a ser diferente do que é.

É importante, portanto, o professor ter claro que o ensino de artes não se resume na apresentação de definições científicas, como em muitos livros didáticos, em geral fora do alcance da compreensão dos alunos. É possível, dentro das condições concretas da escola, auxiliar para que os jovens e adolescentes de hoje percebam e entendam as consequências de suas ações nos locais onde moram, jogam bola e vivem, uma vez que eles podem contribuir para a construção de uma sociedade racional e autônoma com valores e princípios que ajudem a diminuir as violências, torturas e guerras. Enfim, essas e outras questões estão cada vez mais presentes nas reflexões sobre o trabalho docente e certamente devem ser

consideradas durante a elaboração de aulas, divorciando-se da concepção de um parâmetro engessado denominado currículo escolar.

O professor poderá trabalhar com os alunos: histórias em quadrinhos, tirinhas, fotografias, canções, piadas, filmes, crônicas, podendo tornar essas ações em fatos interessantes para os alunos que podem passar a ser um criador de imagens sem ter um conhecimento técnico sobre o assunto (MARTINS, 2011).

Assim, o que se ensina e a forma como são abordados objetos e manifestações culturais, em contextos específicos, tem impacto na maneira como se produz e reage-se a significados e interpretações, na maneira como se envolve com os processos de criação e de transformação das realidades pedagógicas e artísticas. Definir a abordagem de determinados trabalhos, conceitos e temas na prática pedagógica solicita não apenas estar antenado para os entrecruzamentos culturais e processos de construção de identidade que eles podem desencadear. Solicita, também, enxergar estes objetos e manifestações, assim como os diferentes contextos onde eles se encontram, para além de sua materialidade, encontrando, através da experiência, conexões com realidades temáticas que formam e inquietam. Isso exige uma capacidade de agregar ao trabalho educativo experiências de vida que possibilitem um sentido de pertencimento, de reconhecimento individual e cultural, social e coletivo, simbólico e afetivo (TOURINHO, 2013).

Devemos estar atentos que a cada momento podemos ser surpreendidos com experiências novas, pois, estamos ocupando um espaço liminar de aprendizagens, observadores, agentes tomados pela emoção, noções, conceitos e reações todas ocorrendo ao mesmo tempo (DIAS, 2009b).

Portanto, no processo de ensinar-aprender, a magia certamente pode ser facilitada pelo ambiente convidativo da sala de aula ou, no caso dos bebês, pelos espaços onde convivem. O educador, como um prestidigitador, seguidamente subordinado às dificuldades do dia a dia, precisa abrir caminhos na busca constante de ações verdadeiramente significativas. O mistério de seu trabalho consiste na trama entre os conteúdos que necessita ensinar e os conhecimentos das crianças – o que elas trazem como bagagem de saber construído em seus lares e nas interações com o meio. É importante que o ensinante de arte projete situações onde possam ser vivenciadas experiências gratificantes e enriquecedoras. Faz-se

necessário destacar que é de extrema relevância que as crianças sejam impulsionadas a explorar e comunicar suas idéias, pensamentos e sentimentos. Não podemos desejar que apenas repitam as experiências de outros, ignorando sua própria expressão e sentimentos. Há que se abrir espaço para a escuta, para o diálogo com a criança no seu processo de sentir e criar. É preciso possibilitar momentos para a experimentação, ampliando a percepção que futuramente será o suporte de uma compreensão significativa de si, dos outros e do mundo. Nesse contexto, a arte é um veículo extremamente importante porque ensina a ver, ouvir, tocar, sentir, fruir (FROTA, 2013).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jonas Rangel. **Experiência, acontecimento e educação a partir de Foucault**. São Paulo, v. 6, n. 2, 2013.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: Uma história concisa**. Martins Fontes, 2ª edição, 2012. (Coleção mundo da arte).

BAXANDALL, Michael. **Sombras e luzes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p.225.

BUENO, Luciana Estevan Barrone. **Metodologia do ensino de artes: Linguagem das artes Visuais**. Curitiba. Editora IBPEX, 2008. 115 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação**. São Paulo. Editora Perspectiva, ed. 1, 2002.

CURTIS, Regina. A Revolução Brasileira: um diálogo entre Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado e Caio Prado Júnior. **Revista Textura**, Canoas, n. 11, p. 65-72, 2005.

DIAS, Belidson. Apagamentos: ei, ei, ei... Cultura o quê? Visual? E as Belas-Artes, Artes Plásticas e Artes visuais? **II Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual/ Faculdade de Artes Visuais** – Goiânia: Programa de Pós-graduação em Cultura Visual, p. 1-12, 2009a.

DIAS, Belidson. **Desobediências de um boy interrompido: perversão e censura na educação da cultura visual**. Programa de Pós-Graduação em artes – IDA- UnB, v.8, n. 1, 2009b, p.32.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, Vídeo, Godard**. Editora Cosac Naify, 2004, p.323.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – Saberes necessários para a prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, ed. 36, 1996.

FROTA, Ana Laura Rolim da. **Arte, atualidade e ensino**, seção 1 - a educação do sensível. Organização Daiane Solange Stoeberl da Cunha. Guarapuava: Unicentro, 2013.

GARCEZ, L. H. C. **Técnicas de redação**: O que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, ed. 2, 2004.

GRASSI, Leila Gasperazzo Ignatius. O discurso revistado: novas linguagens “Família Feliz” na sala de aula. **Educação em Revista**, Marília, v. 14, n. 1, p. 79-90, 2013.

HERNÁNDEZ, Fernando. **A Cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito**. Traduzido por Danilo de Assis Clímaco. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação na cultura visual: conceitos e contextos . Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011. 232 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Da alfabetização visual ao Alfabetismo da Cultura Visual**. Traduzido por Inés Oliveira Rodrigues e Danilo de Assis Clímaco. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009. 212 p. HUMANIDADES, Educação-43. Editora UnB.

KANDINSKY, Wassily. **Ponto e Linha sobre plano**. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2005.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia – SP. Ateliê Editorial, 2007.

MACHADO, Arlindo. **Pode-se falar em gêneros na televisão?** Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 10, 1999.

MELLO, Christine. Vídeo no Brasil: experiências dos anos 1970 e 1980. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **V Congresso Nacional de História da Mídia** – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização Contemporânea – Sociologias, Porto Alegre, V. 11, n. 21, p. 150-182, 2009.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez Editora, ED. 12, Brasília/DF, UNESCO, 2007.

MORAN, José Manuel. **Desafios na comunicação pessoal**: Gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. Ed. 3, São Paulo, Paulinas, 2007.

NASCIMENTO Erinaldo Alves do. Imagens em deslocamento: possibilidades de articulação a partir da cultura visual. **Ida-UnB - Programa de Pós-graduação em arte**, v. 8, n. 1, 2009.

NERI, M. Motivos da Evasão Escolar. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/tpemotivos/>. Acesso em: 10 nov. 2013.

NUNES. Fábio Oliveira. **Web arte no Brasil**: algumas poéticas e interfaces no universo da rede internet. Campinas – 2003.

SCHELBAUER, Analete Regina. *et al.* **Educação em debate**: perspectivas, abordagens e historiografia. Campinas, SP. Autores Associados, 2006.

SANT'ANA, René Simonato; CEBULSKI, Márcia Cristina; LOOS, Helga; Seção 1, Ampliando o sentido da arte na educação por meio da afetividade. **Arte, atualidade e ensino** / organizado por Daiane Solange Stoeberl da Cunha. Guarapuava: Unicentro, 2013.

SILVA, Célia Nunes. **Como o Câncer desestrutura a família**. São Paulo. Annablume, 2000, 272 p.

SVEIBY, K. E. (1998). **A nova riqueza das organizações** (L. E. T. Frazão, Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1998.

TOURINHO, Irene. Arte e ensino, Seção 1. **Arte, atualidade e ensino** / organizado por Daiane Solange Stoeberl da Cunha. Guarapuava: Unicentro, 2013.

VALENTE, J.A. **A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação**: repensando conceitos. Em M.C. Joly (ed.) Tecnologia no Ensino: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, p. 15-37, 2002a.

VALENTE. Armando José. **Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador**: Gestão escolar e Tecnologias, 2002b.

WOLKIND, S. e RUTTER, M. (1990). **Separation, Loss and Family Relationship**  
In: M. Rutter e L. Hersov Child and Adolescent Psychiatry. Boston: Blackwell Scientific Publications.

## REFERÊNCIAS WEB-GRÁFICAS

<http://conceito.de/volume>>. Acesso em 01/09/2013.

[http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/materias\\_295305.shtml](http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/materias_295305.shtml). Acesso em 23/10/2013.

[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 09/09/2013.

<http://www.comum.com/elainetedesco/pdfs/instalacao.pdf>. Acesso em 09/2013.

<http://www.youtube.com/watch?v=OvpbH-Dka8A>. Acesso em 12/10/2013.

<http://www.youtube.com/watch?v=OvpbH-Dka8A>. Acesso em 12/10/2013.